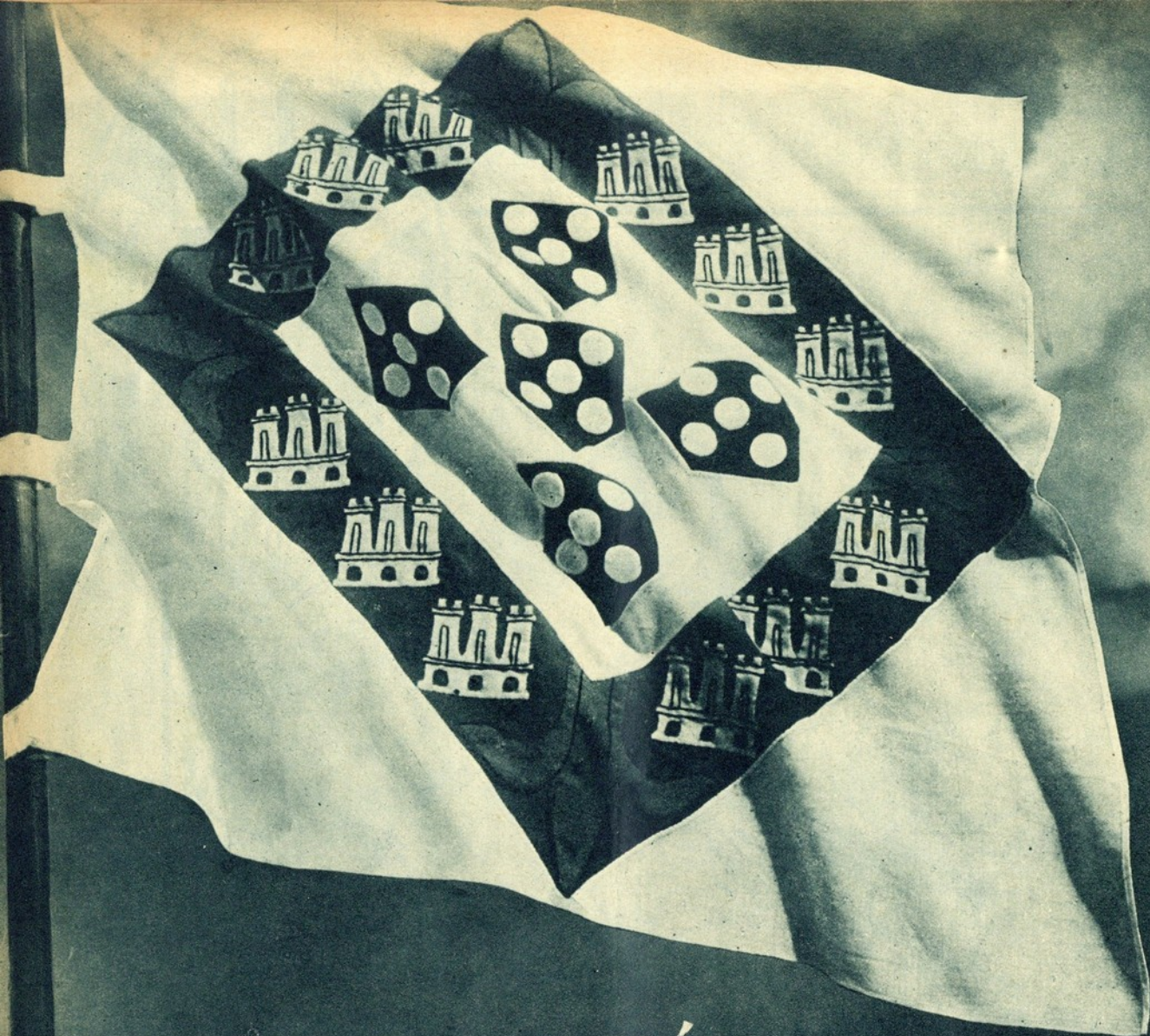
mocidade portuguesa feminina

COLÓNIA DE FÉRIAS DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA NO ESTORIL Horas despreocupadas e alegres

SUMÁRIO

— . . . e lutar sempre.
— Colónias de Férias.
— Recordando o passado.
— A Moda através dos séculos.
— Três Mocidades.
— A lenda das Borboletas.
— Página das Lusitas.
— O Lar (A Habitação e Receitas de Cosinha).
— Trabalhos de Mãos.
— Página das Filiadas.

N.º 5

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, SETEMBRO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

...e Lutar sempre

DA última vez falava-vos aqui de «traição»—essa palavra feia que diz só sentimentos negros que quebram a alma, a abastardam e corrompem. De «traição»—essa miséria das almas.

E convidava-vos a serdes daquelas «de uma só Fé e de uma só Face»—que preferem «partir, a torcer». Mas não basta.

«Não traír nunca» é muito pouco.
Há mais e há melhor: **Lutar sempre!**

Lacordaire escreveu de uma vez esta palavra:

Um jóvem que luta é um futuro rei...

Só vencem, na verdade, os que se esforçam, os que pagam com a sua pessoa—no combate de cada dia, na agrura e na dôr e no sofrimento—a vitória da Vida.

Vem na Escritura Sagrada êste aviso: *Não há redenção sem efusão de sangue*».

Sangue, quer dizer, aqui, martírio, quebrar de cabeça, tôda a cruz e todo o calvário, todo o suor e vigília, renúncias e abandonos.

Veste-se de muitas e várias figuras, a Dôr, mas é sempre Ela, mestra e senhora nossa. Condição de nossa Esperança, alicerce fecundo da Vida.

E' nossa irmã a Dor...

Conta-se a existência do homem entre duas lágrimas e duas dores:—a do nascer e a do morrer—a dor do nascimento e a dor da morte.

Vê:—*«Sete cordas tem a lira da vida; seis são para chorar e só uma é para rir».*

* * *

Queres vencer? ser rainha? **Luta!**

Se amassares o pão com suor, como te há-de saber bem, mesmo que o comas duro e sem conduto. O pão que amassamos, o pão que ganhamos—é que é o *nosso* pão. Tem dois sabores, tem outro sabor êste pão...

Pão da tua mesa. Cultura da inteligência.

Lugar ou situação social... Riquesa, sucesso...

* * *

Salta com brio para o estádio da vida e corre nele com afã para ganhares. Só assim merece a pena a gente viver—*lutando.* Sob o signo de Deus e sua bênção—*querer ganhar, lutando!*

E não há alegrias que cheguem a esta alegria bendita, a de vencer trabalhando e sofrendo. Nem eu sei mesmo se há outra alegria...

Os gosadores da vida, os parasitas da sociedade—os comilões, os *dandys,* os endinheirados, as sécias... Mas estes não vivem. Vegetam.

Fazei da vossa vida uma arena heroica e gloriosa.

Dai graças a Deus por terdes nascido numa hora tão solene da História. Nada de chorar sôbre os males do nosso tempo, feitos Jeremias lamentadores. O nosso papel é outro: erguer em nossos ombros, e muito alto, o Brazão de Portugal—Quinas e Castelos e a Cruz. Fazer de cada peito uma pedra forte, de granito da Estrêla, e todos heróis—virtude e sangue—armar o parapeito onde esbarrarão todos os cobardes e mentirosos—os preguiçosos e os videirinhos, os gosadores e os tíbios.

Querer caír no campo de batalha da vida, banhado em suor ou em sangue, *mas vencendo... mas lutando...*

G. A.

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NO ESTORIL

PUBLICAMOS hoje algumas fotografias tiradas na Colónia de Férias da M. P. F., no Estoril. *Quadros vivos* que a-pesar-da imobilidade em que a máquina os fixou têm movimento e que a-pesar-da sua mudês nos falam de alegria.

Alegria sã duma Mocidade que brinca, canta, dança e ri ao sol, para crescer e se tornar mais forte, ao mesmo tempo que a sua alma vai também crescendo e fortificando-se numa vida simples, mas a que não falta nenhum elemento para que seja, na sua simplicidade, uma vida com uma profunda acção educativa.

Numa linda casa — como podereis ver — 50 raparigas, irmãs no vestir e no sorriso que lhes brinca nos lábios, acompanhadas por outras irmãs mais velhas que olham por elas com carinho, estão vivendo dias felizes que, no seu entender, fogem com demasiada rapidês.

"O prazer que aqui sinto excede tudo o que tinha imaginado — escreve uma filiada —; estou encantada com tudo, excepto com uma coisa: o tempo, que passa tão depressa, tão depressa, que o dia em vez de ter 24 horas, parece ter só 12!„.

Na verdade, como não há-de passar depressa um dia tão cheio e em que tudo é bom e agradável?

A's 7 horas, ainda manhãsinha, quando o Sol põe tons dourados e côr de rosa no céu e na terra, e o ar é tão puro que até respirar é uma alegria, toca a levantar!

Arejam-se as camas, trata-se da *toilette*, faz-se a cama, e rezam-se as orações da manhã.

"Já o astro rei do dia desponta„ — canta a Santa Igreja no ofício da manhã; "dirijamos, pois, de joelhos as nossas preces a Deus, suplicando-lhe que durante êste dia nos preserve de todo o mal".

Deus é pai; que haverá de mais justo e de mais dôce do que começar o dia sob a sua bênção?

E assim, "quando o precurso do tempo trouxer a noite, com a alma contente e pura, cantaremos louvores a Deus!„.

Depressa! o pequeno almôço, que se aproxima o momento de partir para a praia.

Todos os dias é a mesma festa, que o mar tem sempre o mesmo encanto.

Como passam depressa essas 3 horas na praia! Já o almôço espera em casa — e não falta apetite! Depois descansa-se, em silêncio, e às 15,30 dá-se um geito às camas e à *toilette*, brinca-se no jardim da casa esperando a hora da merenda e às 17 parte-se para o pinhal. Como à sua sombra se está bem!

Mas já passaram duas horas — parece impossível como o tempo corre! São 19 horas; resa-se o terço e a hora é tão doce que parece que as Avé-Marias que se atiram para o céu recaem na alma transformadas em flores de graça!

A's 20 horas é o jantar; às 21,45 resam-se as orações da noite e às 22 está-se na cama.

Com um horário dêstes não admira que o tempo passe depressa e deixe saüdades!

Saüdades! De saüdades veem cheias tôdas as cartas que recebemos da Colónia.

"E' uma pequena passagem da minha mocidade que recordarei sempre com saüdade".

"Conservarei sempre uma agradável lembrança do tempo que aqui passei; já tenho saüdades de pensar que me vou embora„.

A CASA EM QUE ESTÁ INSTALADA A COLÓNIA DE FÉRIAS DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA NO ESTORIL.

"Encontro-me na 1.ª Colónia de Férias, organizada pela M. P. F., uma belíssima organização das dirigentes e uma grande alegria das filiadas que se encontram, como eu, radiantes. Hei-de ter sempre saüdades dêste tempo que aqui tenho passado e que me parece que voa„. "Aqui brincamos, somos felizes e enchemo-nos de vontade para começar o novo ano lectivo a estudar afincadamente. Somos muito bem tratadas e tenho a certeza que hei-de recordar com saüdade o belo tempo que aqui passei„.

E as pequenitas, que ainda mal sabem pegar na pena, não ficam atrás nas suas expressões de contentamento.

„Gosto muito de *castar*„ (sic) escreve uma Lusita. *Gosto muito!* na pena das Lusitas é esta a palavra que se repete.

"Gosto muito de estar na Colónia; tratam-me muito bem„. "Gosto muito das senhoras, das meninas, das graduadas e das minhas colegas„. "Brincamos muito no recreio, na praia e no pinhal. Gosto muito de tudo!„

E têm razão para gostar. A Colónia é uma obra de amor. E era isto que eu quereria que vós sentisseis bem, raparigas da Mocidade! para que a vossa alegria seja perfeita.

As Colónias de Férias, como todas as outras iniciativas do Comissariado Nacional, são a realização dum pensamento de amor com que a "Mocidade„ vos envolve sempre.

Sêde, pois, felizes neste amor que continuamente vos assiste e correspondei com gratidão e docilidade ao que êsse amor vos pede: que vos torneis cada vez melhores, que realizeis o ideal que para nós levantamos tão alto: sede raparigas frescas e alegres como as flores da manhã, mas flores em que se vai formando o fruto das grandes e sólidas virtudes que fazem da mulher a riqueza do lar e a fôrça da Nação!

M. J.

HORAS DE RECREIO

Recordando o Passado

MAIS um acontecimento da vida da M. F. P. que não podemos deixar esquecido: a colaboração que a M. P. F. deu à 1.ª "Semana da Mãe", que se realizou em Lisboa de 8 a 14 de Dezembro de 1938, por iniciativa da *Obra das Mães pela Educação Nacional.*

A M. P. F. é uma secção da O. M. E. N., ramo florido dessa árvore forte que pretende estender a sua sombra sôbre tôda a terra portuguesa, para que a ela se acolham todas as mulheres e raparigas de Portugal.

Não poderia, pois, a M. P. F. ficar alheia a essa bela iniciativa da O. M. E. N. que foi a 1.ª "Semana da Mãe" e deu-lhe carinhosamente a sua colaboração.

De que modo? Daquele que estava mais conforme com a sua mocidade que, como a primavera, é sempre uma festa: coube à M. P. F. a parte recreativa da "Semana da Mãe„.

Mas a alegria da mocidade não deve ser apenas uma flor que se desfolha em risos; cada flor deve dar o seu fruto, e o mais belo fruto da alegria é a caridade.

Assim o compreendeu o Comissariado Nacional da M. P. F. que pediu às suas filiadas que contribuíssem para a "Semana da Mãe„ com berços e enxovais para serem distribuídos por mães pobres.

Deixaremos para o próximo número a festa que se realizou no Teatro Nacional na noite de 8 de Dezembro e hoje referir-nos-emos apenas aos berços e enxovais que durante a "Semana da Mãe" estiveram expóstos no Liceu D. Filipa de Lencastre e foram, màis tarde, distribuídos nas terras da sua proveniência.

Participaram na exposição as Alas de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Braga e Vila Real. Ao todo 130 berços, dos quais 90 da Província da Extremadura.

Alguém chamou à exposição dos berços "uma Exposição de ternura„ — e com razão!

Todos os berços eram tão aconchegados e tão risonhos que só a caridade enflorada de ternura poderia ter realizado a obra de arte e de delicadeza que era cada um dêsses ninhos fofos, alguns tão modestos, mas todos tão lindos!

E os enxovais? Tudo tão perfeito! Tudo tão bonito! e com uma fartura! Montões de peças saindo de pequeninas arcas de madeira ou de cestos de verga, à mistura com bonecos e biberons, caixas de pó de talco e sabonetes, enfim, tudo aquilo de que um bébé pode precisar.

Em boa hora o Comissariado Nacional dirigiu o seu apêlo às filiadas da M. P. F.: não poderia ter sido acolhido com mais entusiasmo e carinho.

Todas as pessoas que visitaram a exposição saíram encantadas; e ainda a maior parte ignorava a história de alguns dêsses berços, criados quási de" nada„, nascidos dum *fiat* de amor milagroso!

Quereis ver como a boa vontade é engenhosa e a caridade dos pobres faz prodígios?

Um exemplo—e quantos outros poderíamos citar-vos!

Eis o relatório dum dos berços de Coimbra, do Colégio Progresso:

Raparigas da Mocidade:

E' preciso que êste ano, na noite de Natal, uma criancinha, das mais pobres, durma e se agasalhe num berço feito por vós.

— E o dinheiro? Nós somos pobres também... A caixa escolar, a conferência de S. Vicente de Paula, já nos não deixa ter mealheiro.

— O dinheiro... Ah sim — que arrelia. O dinheiro, sempre o dinheiro a pôr freio ao coração. Pois bem: o dinheiro arranja-se esmolando...

Vamos nós esmolar para os pobres!"

E logo se fizeram listas.

Eramos 50 filiadas.

Que cada qual "mendigasse„ pelo menos 3$00 e já se teria um berço...

Como pombas em debandada partiram 25 raparigas vibrantes de entusiasmo.

Não foi preciso faltar às aulas.

Nos intervalos, entre os amigos, arranjaram-se os primeiros 150$00. Era o suficiente. Comprou-se pano, lãs, e distribuiu-se o primeiro enxoval, peça por peça, às filiadas que, nas aulas de lavores, trabalhavam à porfia.

Mas de que se faz o berço?

Tem de ser "bom„, "bonito„ e "barato„ — dizia-se.

Pediram-se uns caixotes, compraram-se umas ripas na fábrica de serração...

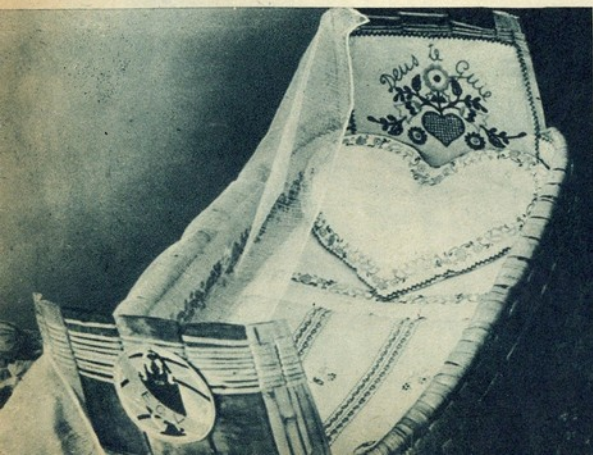
Os "moços" Vizeu, Forjaz, Veiga, Morna e Aragão, alunos do Colégio, prontificaram-se a fazer o primeiro berço. E, nos intervalos, aos serões, sem prejuizo do estudo que urge não descurar, o berço foi surgindo...

Houve dedos martelados, dentes de serra a arripiar a pele, mas ninguém esmorecia.

O berço não teria valor artístico, teria pelo menos a cada cantinho, invisível, mas inegualável de caridade e de esfôrço, um átomo do grande entusiasmo que nos animava. Fazia de banco de carpinteiro uma mesa escolar, faltavam ferramentas, serrava-se muitas vezes entre os joelhos mas... se os dedos escorriam sangue do descuido da serra, depressa no laboratório se procurava o iodo...

As tábuas dos caixotes são ingratas... abrem e racham por onde se não quere, mas os "artistas„ dissimularam, como puderam, essas imperfeições.

Na aula de "arte aplicada e pintura„ decoraram-se as caminhas dos queridos "bébés„.

"Que o anjo da guarda os proteja" e lá se pintaram como se pôde e se sabia. Mas, feito o primeiro, sobejando dinheiro e entusiasmo — apenas com falta de tempo — iniciou-se o segundo berço.

À ESQUERDA: Um lindo berço, dos muitos lindos berços, da Exposição.

À DIREITA: Distribuição dos berços no Porto.

EM CIMA: — Sua Ex.ª o sr. Presidente da República, Sua Eminência o sr. Cardial Patriarca e o sr. Ministro da Educação Nacional, entre alas de filiadas da M. P. F. e sob uma chuva de flores, no Liceu D. Filipa de Lencastre.

À ESQUERDA — Distribuïção dos berços em Lisboa.

À DIREITA — Distribuïção dos berços em Bragança.

Era meia noite de 29 de Novembro e ainda os "valentes moços" carpinteiros martelavam, enquanto as "moças" noutra sala ultimavam os trabalhos de enxoval, sempre acompanhadas duma professora.

Tivemos muitas ofertas de tecidos, etc., e com esta ajuda e o dinheiro que nos deram fizemos os enxovais compostos por 80 peças cada um.

A fechar, podemos afirmar que as filiadas da M. P. F. dêste Colégio apenas dispenderam trabalho, coadjuvadas pelos moços que citámos. A receita obteve-se tôda pedindo a pessoas conhecidas e é a estas almas generosas que cabe o reconhecimento dos queridos "bébés„ a quem desejamos lindos sonhos côr de rosa e as bençãos de Deus.

Maria Isabel de Almeida e Silva

As filiadas dêste Centro — que ofereceram 2 berços com os respectivos enxovais — não quizeram ficar ainda por aqui: comprometeram-se a tomar sob a sua protecção as duas crianças que fôssem contempladas com os seus berços, vigiando a sua criação, baptisando-as, educando-as cristâmente, etc.

E a esposa do Ex.^mo Director do Colégio — mãe de 9 filhos vivos — quiz associar-se à generosidade das filiadas da M. P. F. oferecendo educação gratuita, no seu colégio, a essas duas crianças.

Mas não foi só em Coimbra; também em Lisboa e noutras terras alguns Centros tomaram o compromisso de ficar a proteger as crianças a quem a Providência destinou os seus berços.

Não é verdade que a distribuição dos berços e enxovais da M. P. F. teve um alto significado moral e educativo, pois foi uma magnífica ocasião das nossas raparigas manifestarem as suas qualidades de coração e de aprenderem que o filho é o centro da família e o berço o símbolo do maior amor?

MARIA JOANA MENDES LEAL

A Moda...!, palavra mágica para a mulher. Duas sílabas em que está encerrada tôda a psicologia duma época e de uma sociedade, assim como, individualmente, a feição moral de cada figura feminina, — porque se é o espírito das épocas o inspirador das modas, é a alma de cada mulher que aparece nitidamente reflectida na "sua„ maneira de apresentar a moda em vigor.

Sim, Mocidade inexperiente, repara que das mais belas virtudes aos maiores defeitos morais, da mais elevada intuïção da elegância à mais pagã e rasteira compreensão do "chiquismo„ — tudo isto é revelado em cada vulto feminino através da sua indumentária... ou falta de indumentária. Mas se à Moda com ironia atribuímos profano poder mágico, é, principalmente, porque ela fascina muitas almas tíbias até as arrastar às piores loucuras...

Andar à Moda,—que prazer! Andar fora da Moda, — que desolação! Mas para andar à Moda passar fome em casa, não pagar o que se come, ou arruïnar a família, — que desvairamento formidável se não fôr mesmo criminoso! E, no entanto, quantas vezes, na vida, se nos deparam dêstes casos.

É inteiramente legítimo o desejo de vestir bem; mas quando há bom senso, quando há mais espírito de elegância do que propósitos de ostentação, bem pode a mulher, mesmo gastando pouco, apresentar-se vestida com arte, o que é ainda muito mais belo do que trajar luxuosamente.

E um dos segredos dessa arte é, por exemplo, não pretender arremedar com atavios baratos, que a ninguém iludem, os requintes de luxo criados para expansão da opulência. E' esta, pelo menos, a opinião do bom gôsto...

O que é, porém, indiscutível, é a soberania da Moda,— raínha que nenhuma convulsão política pode apear do seu trono, porque — airosa ou deselegante, austera ou livre, requintadamente complicada ou ostensivamente simples — tem sempre existido e há-de existir — a Moda.

Sem dúvida, pois, Mocidade, vos deve agradar uma digressão, embora muito superficial, através das modas mais características e curiosas das gerações passadas.

Transição do século XVIII para o século XIX

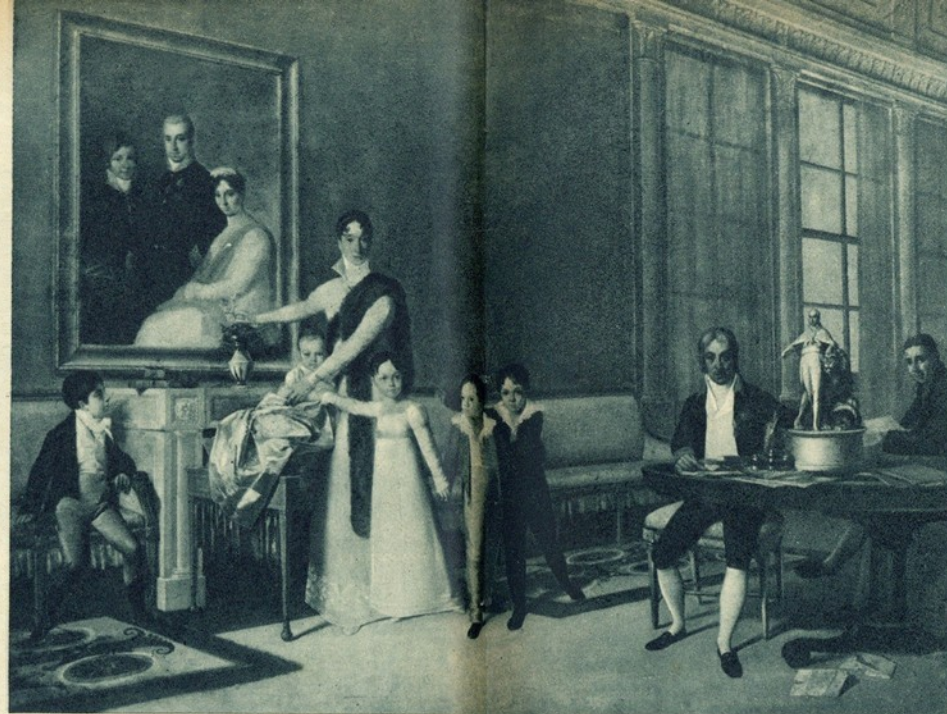
Para ponto de partida tomaremos êste período em que se produziu a derrocada quási "estrondosa„ dos *edifícios* enormes e complicadíssimos que, durante largo tempo, constituíram a indumentária feminina.

Penteados e toucados de altura descomunal, merinaques de pomposa rotundidade armados em arcos metálicos, molhos de plumas na cabeça, cachos de rendas no decote e nos braços — tudo isso passou então de moda. Influência, evidentemente, das doutrinas democratizadoras, embora — com verdade ou sem ela — ao desaparecimento dos altos penteados se atribuísse támbém uma conveniência real. Dizia-se então que Maria Antonieta perdera quási todo o cabelo depois do nascimento do Delfim, e êste facto, obstando a que ela se penteasse como era de uso, tivera por conseqüência a moda dos penteados reduzidos...

QUADRO DE SEQUEIRA
Retrato de sua filha Mariana Victória — Mus. A. Antiga

Como, entretanto, nem só as senhoras mas também as crianças de fidalga estirpe usavam esta mesma indumentária pesadíssima e complicada, por elas começou a simplificação do trajo.

De Inglaterra partiu, em primeiro lugar, a iniciativa de fatos racionais para a infância, adequados ao seu corpo, e em que era banido tudo quanto pudesse oprimí-la. Tornaram-se muito mais sôltas e leves as roupas das criancinhas de colo, e as maiores passaram a andar, até, habitualmente, em cabelo e descalças, o que muito surpreendia as "mamãs" estranjeiras que visitavam a Inglaterra. Pasmavam da novidade, mas não podiam deixar de reconhecer quanto aquele sistema era mais prático e mais higiénico. E às crianças seguiu-se a mulher.

Para esta foi adoptado, em 1794, um modêlo que durante cêrca de 10 anos se usou: vestido inteiro, de corpo e saia estreita, caindo a direito como uma camisa, mas tendo cauda mais ou menos comprida, e também mais ou menos decotados, conforme o trajo era de sala ou de rua.

Para que, no entanto, o comércio não fôsse prejudicado com tão radical transição do luxo para a simplicidade, adornavam-se as bordas dessas "camisas„ com bordados vários, alguns até a lâminas de ouro e prata, que custavam muito caros.

Os pesadíssimos brocados, damascos e semelhantes tecidos luxuosos, também nesse período foram substituídos por tecidos leves, quási vaporosos. Quando então as damas dançavam e seu trajo de baile ostentava a longa cauda que, segundo a etiqueta, deveria ter para cima de três metros de comprimento, para que não se lhes enrodilhasse debaixo dos pés, descansavam-na em um dos seus braços ou graciosa e galantemente a deitavam para cima do ombro do seu par. Com rapidez se generalizaram êstes leves tecidos. A sua moda instalou-se com tal despotismo, que tanto os usavam de verão como de inverno.

Alastravam assustadoramente as enfermidades catarrais a que, naturalmente, hoje se chamariam pneumonias; protestavam, indignados, os médicos, ralhavam os velhos e os mais sensatos; dizia-se já que aumentavam entre a população elegante os casos de tísica, por causa dos vestidos transparentes em plena invernia;—mas com todos estes perigos e clamores arrostavam impávidas as donas e donzelas, como fiéis escravas da Moda que se prezavam de ser.

Lendo isto, não faltará quem comente: "Sempre as mesmas, as mulheres!: mais depressa se deixam morrer do que desobedecem à moda".

Pois saibam agora, a propósito, as minhas meninas, que — para glória nossa — não somos só "nós„... Em 1801 — por exemplo — num baile de Ano Novo dado pelo embaixador russo em Berlim, um dos convidados, Senhor Dorville, de tal maneira era escravo da Moda (a-pesar-de varão...) que, estando a dançar, caíu sùbitamente morto em conseqüência do extraordinário apêrto em que trazia a cintura, o pescoço e os joelhos, para se tornar mais elegante. E quantos, como êste, assim se sacrificavam às modas masculinas!

Não, por conseguinte, com receio da peste nem da Parca, mas porque era preciso criar *outra moda*, começaram então os chailes a ter o seu reinado. Havia-os dos mais singelos aos mais ricos, com bordados, franjas, e semelhantes adornos; e a "maneira„ de os usar e manejar, ora envolvendo ou descobrindo o corpo, chegou a constituír uma das mais subtis e difíceis *artes* da elegância feminina.

Em 1805 desaparecia a cauda, ficando o vestido a tocar apenas no chão. Em 1808 começou a subir, deixando ver o pé; Em 1810 pairava acima do tornozelo... E êste movimento de subida era completo, porque enquanto se descobriam os pés, mais se vestiam os ombros e os braços, rodeando-se ainda o pescoço de golas e rodadas gargantilhas.

Cingia-se o pescoço a-pesar-de ao mesmo tempo se abolirem, por espírito de simplificação e saneamento do trajo, os altíssimos espartilhos de fortes varetas de metal...

Note-se, entretanto, que neste período como nos anteriores ainda não havia, como agora, uma determinada moda inteiramente estabelecida para tôda a Europa civilizada. Embora as linhas gerais fôssem as mesmas, cada nação apresentava suas modalidades peculiares, que não chegavam, contudo, a constituir trajos nacionais.

A influência da Revolução, que imperava na França, irradiava para os outros países, mas sem embargo do espírito inventivo de cada um. E assim foi que, em 1817, em Viena surgiu a moda horrível dos vestidos direitos e estreitos como canudos, a terminar acima do tornozelo e deixando assomar por baixo da saia um palmo de calças com fôlho de bordado a caír sôbre o cano da bota. Era do mais feio que se pode imaginar, como já o tereis visto em gravuras da época; mas desde que se lhe deu a categoria de *Moda*, depressa transpoz as fronteiras de Viena e se generalizou universalmente.

Não durou muito, no entanto, esta desastrada novidade.

A par dos longos vestidos-camisas, apenas cingidos debaixo do peito, os cabelos penteavam-se muito colados à cabeça, às vezes domados por finas coifas, e com pequenas madeixas frisadas caídas sôbre a testa.

O chaile, embora ainda não estivesse destronado, já, por vezes, era substituído por pequenos abafos de peles.

Finalmente, os chapéus apresentaram durante algum tempo a mais extravagante das formas, com enormíssimas abas em feitio de telha a esconder o rosto; mas pouco a pouco se foram reduzindo, tomando aspectos mais racionais, ostentando, por vezes, imponentes guarnições de plumas.

Eram bonitos estes feitios, sendo porém notàvelmente feios outros modelos contemporâneos, verdadeiros cilindros com pequenas abas. Mas também se usavam ao mesmo tempo graciosos gorros, torcidos como turbantes, ou mais lisos, com uma pluma; outros mais simples e leves, no género de gôrro de pintor; ou então pequenas toucas rodeadas de um folho de renda que pendia sôbre o rosto a emmoldurá-lo, tendo tido estas grande voga nos princípios do século XIX.

...E quanto, quanto mais, ainda, teríamos para vos dizer hoje sôbre os trajos daquela época, se esta página ôsse maior!

Como vestia nos princípios do século XIX uma família aristocrática

O PRIMEIRO VISCONDE DE SANTARÉM E FAMÍLIA
QUADRO DE SEQUEIRA — DO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Para vos dar uma ideia da moda que então vigorava, eis o interessante grupo de uma distinta família da época: os primeiros Viscondes de Santarém e seus cinco filhos, vendo-se ainda à direita um irmão do Visconde o Arcebispo de Adrianópolis.

A esbelta figura da Viscondessa apresenta-vos a linha característica da moda em 1816, ano em que deve ter sido feito o retrato. E no menino que está de pé, vestido de preto, vereis o bisavô de duas das vossas companheiras da Mocidade, Maria da Assunção e Maria Sofia — de Barros e Carvalhosa, filhas do actual Visconde de Santarém.

Bem mais interessante do que um banal figurino achareis, por certo, êste quadro, belo símbolo da vida edificante de um lar cristão.

...E até ao século XVIII, querida Mocidade!

GIESTA

A PINTORA
De Vieira Lusitano — Museu de Arte Antiga

TRÊS *mocidades*

JOANINHA *(16 anos, tipo português, lindos olhos da nossa terra, alegres e sonhadores, robusta e graciosa na sua farda da M. P. F.).* — Aborrecida a nossa vida? Tão cheia, tão variada, exercitando o corpo, fazendo trabalhar a inteligência e elevando a alma! Nós rimos, brincamos, cantamos! (*Trauteia "A Mocidade que passa„).* A tua vida, Maria Paula, é que eu acho massadora: só divertir-se, divertir-se! Gosto muito de comer bombons, mas jantar só bombons, livra! Primeiro sopinha e coisas que nos dêem fôrças e depois, então, guloseimas.

MARIA PAULA *(16 anos, figurino ambulante, bastante pintada, ausência de sobrancelhas, bonequinha fútil)* — Repito: acho que estragas o melhor tempo da vida. Guarda lá a tua farda e as tuas ideias; eu o que quero é divertir-me! Vão ser estupendas as minhas férias! Levanto-me tarde, banho de mar e de sol, *golf* uma vez por outra, *mah-jong* à tarde, *cocktail,* cinema, dança — viva a pândega!

JOANINHA *(rindo)* — Isso não são férias, são trabalhos forçados! Eu também tomo banhos de mar e adoro a praia, também gosto de ir ao cinema e dançar uma vez por outra, mas a vida não é uma comédia. Como eu aprecio a nossa "Mocidade„ que nos torna úteis e nos prepara a ser esposas e mães de portugueses! Não achas que tenho razão, Albertina?

ALBERTINA *(18 anos sem graça feminina, querendo masculinizar-se nos modos e no pensar mas, como mulher, exagera e torna-se ridícula)* — O que me interessa a mim é o desporto, e se entrei para a „Mocidade" foi porque imaginei que lá quizessem fazer mulheres militarisadas. Afinal, temos puericultura, cosinha, enfim, o que já faziam as nossas mães! Como eu gostava de ser alemã!

JOANINHA *(furibunda)* — Fora! Fora! nem hitleriana nem balila. Portuguesa, portuguesa! Deus me livre de ser uma autocrata à alemã ou uma comunista! Hei-de ser em tudo cristã e mulher. Viva o século XX! Mas com o desembaraço, a vida intensa e o entusiasmo das raparigas de agora guardemos as virtudes das nossas mães e das nossas avós.

MARIA PAULA — Bem digo eu, parecem duas velhas a discutir! Deixem-se de transcendências! Não acham muito mais divertido combinar as *toilettes* para o baile do casino? Tenho já várias ideias. As mulheres devem enfeitar-se, fazer-se bonitas, e para isso agora há tantas receitas de beleza. Se tu, Joaninha, e tu, Albertina, que andas sempre uma pingona, lessem mais os jornais de modas, fariam furor nas festas. Ser uma mulher da moda, muito gostava eu!

ALBERTINA — Parvoíces! Tanto me importa que os homens me achem bonita como feia. Não preciso deles para nada e vivo muito bem sem êles.

JOANINHA — Não digas "desta água não beberei". Com a tua mania de feminismos exagerados falas mal dos homens e... queres ser como êles! E tu, Maria Paula, não imagines que eu não olho para os figurinos. Também gosto de andar à moda, mas lá passar horas e horas a ver se copio tanta receita para parecer uma estrêla do cinema, acho que não vale a pena. Então não concordas que parecemos bem com os nossos uniformes?

MARIA PAULA *(sorrindo)* — Verdade, verdade, tu ficas engraçada com qualquer coisa, por isso é pena não seres do nosso grupo! Olha que te divertias! E daqui a pouco não querias saber de massadas. Lembra-te que a vida são dois dias.

JOANINHA — Por isso mesmo, porque são dois dias, temos de os aproveitar. Vem tu ser das nossas para servir a Deus e a Pátria.

ALBERTINA — Ainda há-de vir o tempo em que as raparigas hão-de suplantar os homens!

V. P.

A LENDA DAS BORBOLETAS

QUANDO vejo as borboletas a voltejar no azul, como flores vivas que parece que só descem à terra para beijar outras flores, que só têm a mais do que elas o perfume, lembro-me da lenda chinesa das borboletas (1), tão linda e de tão inspirada delicadeza poética.

Conta a lenda que existia numa aldeia da China uma rapariga tão formosa e tão pura que um dia, diante duma cunhada que lhe queria mal, enterrou na lama um lenço e êsse lenço ficou sem uma só mancha, testemunhando na sua brancura tôda a pureza da alma de Choc-In-Toi. Anciosa por aprender, e não havendo na sua aldeia nenhuma escola onde pudesse satisfazer o seu gôsto pela ciência, foi freqüentar a mais afamada universidade do Império.

Vestiu-se de homem e entre homens passou 3 anos sem que ninguém descobrisse o seu segredo e sem que a sua pureza sofresse o mais ligeiro estrago. E a prova é que, tendo pedido aos deuses que lhe conservassem as flores do seu jardim tão frescas como ela, quando voltou — 3 anos depois! — as flores estavam como se tivessem desabrochado naquela manhã, a-pesar-da cunhada, maldosamente, as ter regado todos os dias com água quente!

Na universidade teve por especial companheiro um rapaz que a amava como um irmão, ignorando que ela era uma rapariga.

Quando Choc-In-Toi partiu êle ficou inconsolável e ela, entre lágrimas e sorrisos, disse-lhe que acabasse os seus estudos e, terminados êles, se as saüdades fôssem muitas, fôsse procurá-la à sua aldeia.

E partiu, levando no coração o seu grande amor por aquele que deixava e sonhando com o dia em que êle aparecesse e, descoberto o seu segrêdo, se pudessem unir para nunca mais se separarem.

Mas o tempo foi passando e Leun-San-Pac — assim se chamava o rapaz — sem aparecer!

Os pais quiseram que ela se casasse e a pobresinha não se atreveu a revoltar-se contra a vontade dos pais, que na China a obediência filial é indiscutivel. Fez-se o contrato nupcial e já pouco faltava para o casamento quando o seu amigo chegou à aldeia. Tinha terminado os seus estudos, era um sábio!

Mas ai dele! A primeira surpresa foi um deslumbramento de felicidade! Como ela era linda! E a sua amisade de irmão transformou-se num amor ardente. Mas que horrivel despertar o do seu sonho! Ela já estava prometida a outro, e na China a palavra que se deu a um noivo não se quebra sem pisar a própria honra dos pais. Desolado, êle partiu. E ela, de quem a dor não era menor, escreveu-lhe uma carta para o consolar. A vida não é eterna, que êle tenha paciência e espere! Na China há a crença de que as almas, depois da morte, se encarnam noutros seres, recomeçando a viver. Que êle tenha confiança e espere! Ela não pode, agora, deixar de ser fiel ao noivo que os pais lhe escolheram, mas numa outra existência unir-se-ão e êle verá como é grande o seu amor!

Mas nenhuma palavra, nenhuma esperança, consegue consolar Leun-San-Pac. Faz uma bola dessa carta e engole-a. Morre. E é enterrado ali mesmo.

Chega o dia do casamento. Um grandioso cortejo dirige-se da casa da noiva para casa do noivo. No caminho a noiva pede para o cortejo passar pela sepultura daquele que por ela morreu de amor. Quere orar sôbre essa cova ainda mal fechada. Os mortos são sagrados e ninguém estranha êste desejo piedoso. Ajoelha, resa, beija a terra... E ao beijá-la a terra abre-se e ela desaparece como se lá do fundo uns braços se estendessem a chamá-la.

Aqueles que a acompanham correm para ela quando a vêem desaparecer, mas já só conseguem agarrar a fímbria do seu vestido que se rasga, deixando-lhes nas mãos um pedacinho de tecido. Mas mesmo êsse bocadinho de seda toma azas e se evola, transformado numa borboleta em que incarnou a alma de Choc-In-Toi, a linda e pura chinezinha que ainda hoje revive em tôdas as borboletas que voam por êsse mundo fora!

M. J.

---

(1) Paisagens da China e do Japão, de Wenceslau de Morais.

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ... o sonho de MARIA Emília

MARIA Emília era uma pequena engraçada e boa, de 8 anos, sempre pronta para a brincadeira; mas, por outro lado, deixava-se ficar várias vezes a cismar, a pensar, a sonhar... E todos a troçavam nessas ocasiões, chegando a mãe a ralhar-lhe severamente.

— Afinal a menina é uma preguiçosa — dizia-lhe às vezes a Rosária que a criara ao peito — Essa coisa de se pôr a cismar sem fazer nada é muito feio!

— Tens razão, ama; mas que queres? São sonhos que eu tenho, e alguns tão bonitos! Até dá vontade de os viver... — e Maria Emília ficava pensativa.

Uma tarde, depois do almôço grande, e à hora em que, no verão, muitas crianças dormem a sesta, Maria Emília deitou-se sôbre a cama e depressa caiu num sono pesado... Então pareceu-lhe que estava deitada numa rede, suspensa no céu, numa noite linda em que não havia luar; mas as estrêlas eram tantas, tantas, que tôda ela estava rodeada de lusinhas prateadas, douradas, cintilantes, numa maravilha como ela nunca tinha visto, nem sequer sonhado! Que beleza tinha o céu nessa noite! E a rede balouçava suavemente no espaço, tornando o sono de Maria Emília mais delicioso ainda. De repente viu destacar-se uma das estrêlas maiores (e não seria a *Sirius,* aquela lindíssima estrêla que o pai lhe mostrava quando estavam na quinta, e que ela já sabia reconhecer?), e, como se fôsse atirada por mão invisível, correr para o outro lado do firmamento! Maria Emília voltou a cabeça e viu a estrêla voltar depressa para o seu lugar, atirada também.

E assim, correndo dum lado a outro, ia a linda estrêla, como se fôsse uma bola com que se brincasse, percorrendo vertiginosamente o céu... Agora eram outras estrêlas que se moviam e corriam, e brilhavam e brincavam... Maria Emília estava entusiasmada com o maravilhoso espectáculo: nunca vira nem sonhara nada mais lindo!

Quiz erguer-se, levantar os braços para apanhar as estrêlas que a envolviam numa auréola de luz! Da direita, da esquerda, por traz, por diante, sôbre a sua cabeça, sob a sua rede, as estrêlas formavam um manto brilhante e movediço... E Maria Emília tentava, sempre mais anciosa, apanhar uma, duas, três daquelas inacessíveis e maravilhosas bolas de luz.

Cansada, por fim, extenuada mesmo, deixou caír os braços e ficou imóvel — já não tinha fôrças para mais.

Quando acordou era já tarde; e a seu lado estava a boa Rosária, com a sua costura, e com um sorriso a acariciá-la.

— Isso é que foi dormir, menina: assim faz bem ao corpo e descansa essa alminha.

— Estou estafada, ama — murmurou Maria Emília, ainda ensonada — a querer apanhar as estrêlas e não apanhei nenhuma...

Rosária desatou a rir.

— Que história é essa, menina? As estrêlas estão muito altas para a gente: ninguém há que as possa apanhar.

Maria Emília calou-se, pensativa. Levantou-se, devagarinho, foi-se lavar e pentear e, por fim, disse:

— Era um sonho lindo, ama! Tantas estrêlas em volta de mim, e a correrem atiradas dum lado para o outro, e eu sem poder apanhá-las nunca. Que pena!

— Quem sabe se eram os anjos a jogar a bola! — concluiu Rosária abotoando-lhe o vestido.

— Vou contar o meu lindo sonho à mãe, ama — e Maria Emília correu até à saleta, onde a mãe estava a ler.

— Filhinha — disse-lhe a mãe, afagando-lhe a cabeça — êsse teu sonho faz-me pensar em muitas coisas, sabes tu?

— Em quê, mãesinha? — preguntou Maria Emília.

— Vou dizer-to, Maria Emília, pois julgo que algum bem poderá vir do teu lindo sonho.

Antes de mais nada, queridinha, é certo que devemos aspirar a coisas elevadas, mesmo que nos pareçam fora do nosso alcance; e o esfôrço que fazias para apanhar as estrêlas era como essa aspiração da alma para o que está alto...

Maria Emília, um pouco amuada, disse:

— Oh mãe, não entendo o que está dizendo...

A mãe sorriu e respondeu:

— Tens razão, meu amor, vou explicar-me melhor: as nossas aspirações, os nossos desejos, devem ser de tudo o que é lindo e elevado, percebes?

— Como as estrêlas que eu queria apanhar — exclamou Maria Emília, já risonha.

— Sim, filha, sim! Todo o esfôrço que fizermos para elevar-nos é sempre bem empregado. E elevamo-nos se nos tornarmos melhores de dia para dia...

— Mas nunca chegaremos às estrêlas — murmurou Maria Emília.

— Deixá-lo, queridinha: Vamos sempre tentando subir até elas!

A LUSITA nunca deve:

Esquecer, qualquer que seja a sua idade, que é ***portuguesa;*** *e, como tal, nunca envergonhar a sua Pátria.*

Deixar de cumprir, dia a dia, os seus deveres todos: e sempre com gôsto e alegria.

Ficar sentada no seu lugar quando veja em pé alguma senhora mais velha.

Deixar de apanhar do chão o que alguma senhora deixar cair.

Falar alto nos eléctricos ou na rua.

Charadas e Adivinhas

Na música, nota isolada, (1 sil.)
Quem o faz é generosa (1 sil.)
Linda mulher inventada
Por fantasia graciosa.

I I I

Boa italiana (2 silabas)
Vai-te embora! (2 silabas)
Verás grande general doutrora.

I I I

Linda flor de reis (1 silaba)
Cheia de bondade (1 silaba)
Eis à beira Tejo

MEMÓRIAS dum LÚLÚ branco

OUTRO dia perdi a cabeça e avancei para êle: mas, mais ligeiro do que eu, deu um pulo (que eu admirei deveras) e trepou por uma árvore acima, deixando-me cá em baixo com cara de parvo. Ladrei-lhe, chamei-lhe nomes e ali estive, à espera, em vão, que descesse. Detesto-o!

Muitas vezes vêm visitas de Lisboa, passar a tarde à quinta; e é certo haver um chá optimo, nesses dias. Na véspera anda a Mimi num corropio a fazer bolos deliciosos, e eu não me tiro da copa e da cosinha. Bocadinhos de massa crua, migalhas de bôlos, uma ou outra bolacha um pouco queimada, tudo isso é apanhado ràpidamente, e com graça, pela minha língua côr de rosa; por isso estou sempre álerta, à espera dêsses acasos.

As tardes das visitas são muito agradáveis para mim. Sinto-me apreciado, admirado mesmo! O meu pêlo de neve, bem escovadinho, é o orgulho dos meus donos, nesses dias.

Mas o diabo anda sempre a tentar todos, até um pobre e inocente lúlú como eu... Numa tarde em que se esperava imensa gente (e até na Casa Branca estavam todos a postos para mostrar as suas habilidades) eu lembrei-me, já depois de limpo e escovado, de ir dar uma volta até à arribana. As vacas lá estavam a ruminar com ares de idiotas, coitadas, mas olhando-me bondosas e pachorrentas. A vitela não deixou de abaixar um pouco a cabeça, não sei se com ideias de me marrar. Eu, por sim por não, afastei-me e dei com um montinho de estrume, ainda môrno, muito húmido e bastante mal cheiroso, valha a verdade. Que tentação diabólica!...

Venceu o diabo: atirei-me para cima do estrume, rebolei-me, e só de lá saí quando apareceu a caseira a enxotar-me com a sua voz de falsete: "Já daqui para fora, seu porcalhão!" De orelha e rabo caídos, e todo cheio de porcaria, meti-me pelo caminho da horta; quando cheguei ao portão apeavam-se as visitas de dois belos automóveis.

Com a minha habitual expansão (sem me lembrar do meu triste estado de porcaria perfumada) precipitei-me radiante, ao encontro das visitas, qual delas a mais janota: senhoras, homens, crianças encantadoras de vestidos claros. Que horror e que vergonha!

Quando viram o meu corpo coberto de estrume, exalando um cheiro nauseabundo, a roçar-me meigamente pelas pessoas, eram gritos horríveis de zanga da parte dos donos, de riso de parte das crianças, de riso... amarelo de parte das senhoras e dos homens!

De repente, espantado com aquele desusado acolhimento, caí em mim: e quando ouvi a voz simpática da Margarida chamar com autoridade: "Lú, venha já aqui! Ai! Ai! Ai!" — fui logo, cabisbaixo, envergonhadíssimo, ter com ela para que me lavasse em numerosas águas de sabão.

Que aventura aquela!

Os meus passeios à serra, com o rancho todo da Casa Branca são sempre óptimos; e eu sinto que me fazem bem aos pulmões. Os outros cães também vão, mas o grandalhão, que é o Nero, não me dá confiança. Como já disse, vêm sempre imensas crianças amigas brincar com os de cá e com os saloiositos da Casa Branca num enorme terreiro onde correm à vontade comigo; e todos nos divertimos imenso. Que alegria!

Fazem-se corridas loucas e gincanas de bichos a ver quem chega primeiro; e eu para não os desconsolar (pois quando tomo parte nelas ganho sempre) às vezes deito-me a ver correr tudo aquilo.

Com os miúdos, é cada trambulhão! Brincam às camionetas, aos comboios, aos soldados; e as pequenas andam, em ar de procissão, com as bonecas ao colo. Outras vezes fazem corropios e rodas, e cantam tôdas em côro; eu também não desgosto de cantar, mas já percebi que a minha voz de falsête não liga bem com a das crianças; Que pena!

Quando resolvem ir à serra eu sinto-me radiante! Largo numa corrida vertiginosa pela serra acima, com galões que parecem de galgo; e sento-me lá no alto a vê-los subir todos aos tropeções, coitados!

A avó dos meus donosinhos, que é velhinha, arranjou uma perninha de pau, a que chama uma bengala, para ajudar as outras duas pernas; e a-pesar-de ser a mais velha, não se imagina como ela trepa bem!

A dona mãe vem sempre a parar; quando canta o melro pára a escutá-lo com cara de riso; se o sol se está a pôr, pára a olhar para êle tôda embevecida; se se ouvem os sinos das Trindades, pára para rezar; e com tôdas estas paragens leva que tempos a chegar lá acima e obriga-me a fazer o caminho umas poucas de vezes a ver onde ela ficou!

Que canceira, que massada para mim!

Quando chegam todos ao alto da serra, as pessoas mais velhas sentam-se numas pedras; mas as petizas entretêm-se de várias maneiras. Infelizmente uma delas é metendo-se comigo, passando os deditos pelo meu rico pêlo, puxando-me o rabo, coçando-me a cabeça e chamando por mim em gritos constantes!

(Continua)

Correspondência

Querida «Ratinha Branca»:

Agradeço imenso a tua linda carta. Ainda bem que gostas das Memórias dum lúlú branco; quando acabarem, começa outra história de que vocês hão-de gostar ainda mais. Queres que te diga já o nome? Chama-se: Aventuras de Rosa Teimosa.

O que lhes peço é que escrevam muita vez para o jornal a darem a sua opinião sôbre a Página das Lusitas. *Basta que ponham no sôbrescrito a morada do jornal e o nome da correspondente:*

TIA ANICA

P. S. — Querendo escrever-me directamente, como tu fizeste, basta pôr Belas, Quinta da Samaritana.

Rectificação importante

No número anterior saiu um êrro grave na charada n.º 1, cuja solução era MADRESILVA. Onde se leu: «esta mãe «latina»*, devia ler-se «Esta mãe* «italiana».

O LAR

A HABITAÇÃO

LIMPEZAS (continuação)

LAVAGEM DAS PORTAS E JANELAS

DEPOIS de limpo o tecto e as paredes devem-se lavar as portas e as janelas. A madeira pintada convem lavá-la com água a que se juntou amoniaco (3 ou 4 colheres num balde de água). O amoniaco, não só tira a sujidade, como aviva as côres. Se não tivermos amoniaco lavamos simplesmente com água e sabão.

LAVAGEM DOS VIDROS DAS JANELAS

Tira-se primeiro o pó e depois lavam-se os vidros com água fria, tendo cuidado em lavar bem os cantos.

Limpam-se com um pano sêco e que não deixe fios.

Há quem misture na água com que se lavam os vidros um pouco de álcool ou de aguardente, para ficarem mais brilhantes. Com o mesmo fim, e é mais eficaz, podem também ser esfregados com álcool depois de lavados.

LIMPEZA DO SOBRADO ENCERADO

Actualmente a maior parte dos sobrados são encerados. A cera que se emprega pode ser comprada já preparada ou arranjada em casa, o que é muito mais económico.

COMO SE PREPARA A CERA

Corta-se a cera em bocadinhos (250 grs. de cera para um litro de água-raz). Leva-se ao lume a derreter, mas o lume deve estar brando e ter-se o maior cuidado para não pegar o fogo. Também se pode derreter em *banho-Maria*; isto é, meter a cera numa vasilha que por sua vez se mete noutra cheia de água a ferver.

Depois da cera desfeita, deixa-se arrefecer antes de a empregar.

A cera que se compra para derreter deve-se escolher dura e brilhante, pois é de melhor qualidade.

MODO DE APLICAR A CERA

Antes de se aplicar a cera lava-se o sobrado com água quente ou raspa-se com palha de arame, se o sobrado está muito estragado. Depois varre-se muito bem e põe-se-lhe nova camada de cera. Há quem, antes de pôr a cera, passe o sobrado com óleo fervido, para evitar que fique manchado quando lhe cair água em cima; deve deixar-se secar o óleo antes de pôr a cera.

A cera põe-se com um trapo, no sentido das táboas, e deve-se ter cuidado em a pôr por igual.

Deixa-se secar durante umas horas. Em seguida esfrega-se com uma escova própria até que o sobrado fique brilhante. No fim passa-se com um pano de lã.

Os sobrados encerados são bonitos e higiénicos. E' fácil conservá-los limpos e com aspecto agradável. Basta passá-los todos os dias com um pano e pôr-lhe cera de dois em dois meses, ou de 3 em 3, e às vezes menos ainda; depende do uso que se dá a êsse sobrado. Quando se encera pela 1.ª vez um sobrado costuma-se colori-lo com *vieux-chêne*, mas já se não usam os sobrados escuros: claros são mais bonitos.

RECEITAS DE COSINHA

BOLO DE 4 OVOS

Pesam-se 4 ovos, igual pêso de assúcar e metade de farinha e manteiga. 1 colher de farinha de arroz e outra de crescer. Bate-se a manteiga lavada uns dez minutos, junta-se o assúcar, até ficar um creme; a seguir misturam-se as gemas, depois a farinha, na qual já deve estar misturada a colher de farinha de arroz e a de crescer. Por fim as claras que devem estar muito bem batidas em castelo. Querendo, pode-se juntar à massa passas ou corintos. Vai ao forno em 2 fôrmas baixas e redondas, untadas de manteiga e polvilhadas de farinha. Depois de prontos unem-se os dois bolos com qualquer geleia, marmelada, etc. O forno deve ser quente.

BOLO DE NATA

5 ovos, 1 chávena de almôço de assúcar, meia de farinha de trigo e sumo de 2 laranjas. Bate-se o assúcar com as gemas, a seguir mistura-se o sumo da laranja e pouco a pouco a farinha. Por fim junta-se as claras bem batidas em castelo. Vai ao forno forte em taboleiro. Quando pronto e frio corta-se a meio, barra-se com nata e assúcar, e juntam-se as duas partes, pondo-se bem uma em cima da outra e torna-se a barrar por cima com nata e assúcar. Enfeita-se com amêndoas torradas cortadas às tirinhas.

BOLINHOS DE CERVEJA

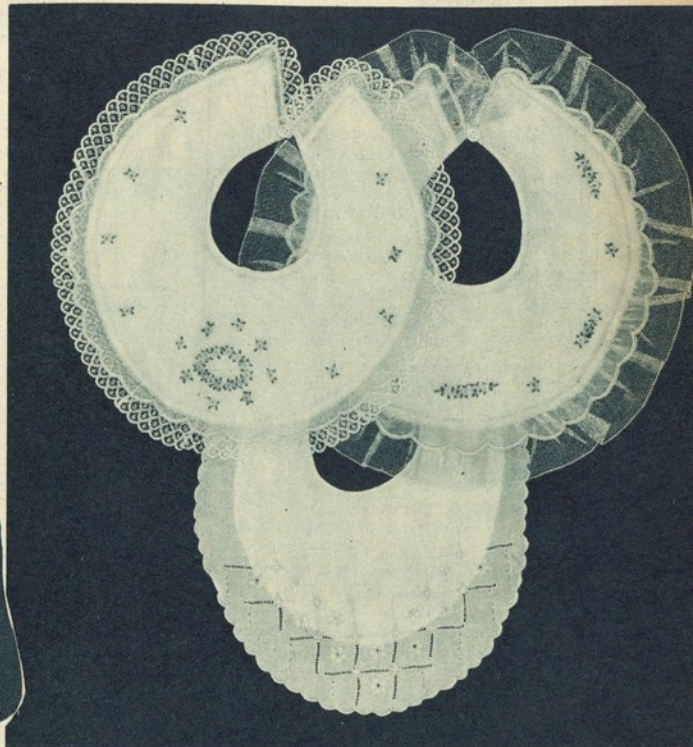
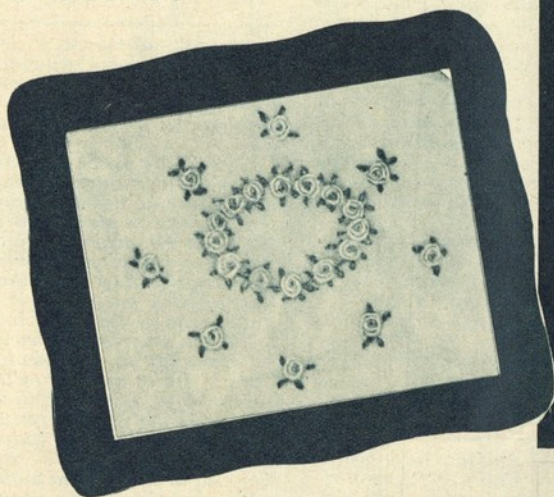
250 grs. de farinha de trigo, 250 de manteiga, 1 chávena (das de café) de cerveja.

Amassa-se tudo muito bem e fazem-se umas bolinhas que se enrolam com assúcar. Vão ao forno quente em taboleiros.

PUDIM DE LARANJA

9 ovos, 400 grs. de assúcar (dêste assúcar tira-se um pouco para barrar a fôrma), 1 chávena (bem cheia) de sumo de laranja, 1 colher (das de sopa) de farinha de trigo. Mistura-se tudo e passa-se 9 vezes por uma peneira fina. Cose-se em banho Maria, em fôrma untada com assúcar queimado.

TRABALHOS *de* MÃOS

PUBLICAMOS HOJE DOIS LINDOS BABEIROS BORDADOS A CANOTILHO. AS FLORES PODERÃO SER TODAS NA MESMA COR OU UMAS EM COR DE ROSA E OUTRAS EM AZUL, O QUE DARÁ UM EFEITO AINDA MAIS BONITO.

O OUTRO BABEIRO, COM *AJOURS* E BORDADO A BRANCO, TAMBÉM É MUITO SIMPLES DE FAZER.

A CAMISINHA, COM DESFIADOS E BORDADO A BRANCO, É MAIS DIFÍCIL, MAS É MUITO LINDA E VALE A PENA FAZÊ-LA PARA O DIA DO BAPTISADO, QUE TUDO MERECE

Como deve uma Filiada da M. P. F. preencher o tempo de férias?

RESPOSTAS

Fiquei contentíssima com a idéa de todos os meses ter uma fôrça que mais me ajude a crescer no entusiasmo que sinto pela Mocidade Portuguesa Feminina e logo me tornei assinante da nossa revista.

Falo com simplicidade, como simples praça de 15 anos que sou.

Gostei muito do primeiro número da nossa revista. Deu-me a completa idéa de uma Mãi a falar a suas filhas.

Li a página do Lar com o interêsse da noiva que está para montar casa. Permita Deus que esta página continue nos próximos números. Tenho contudo muita pena de não ter os olhos optimistas do Quim e a actividade de Maria Amélia.

Quanto à Página das Lusitas leio-a e saboreio-a como a mais pequena das Lusitas.

Gosto muito de trabalhos em tricot, mas olhei para a maneira de o fazer como se olhasse para uma receita de bolos e não consegui perceber como se faz o casaquinho, com grande pena minha.

Oxalá que os números seguintes sejam como êste. Desde já, estou ansiosa pelo próximo número, para poder ler e apreciar com filial carinho as cartas das nossas segundas Mãis. Prometo que todos os meses lerei a minha revista. Não podia deixar de concorrer ao questionário que nos é proposto. Respondo, não com o desejo de que seja publicada, mas apenas para ver se sempre terei uma noçãozinha razoável a respeito das minhas férias:

«Penso eu que a Filiada deve passar o seu tempo de férias fazendo o bem espiritual e material.

Deve ser uma apóstola de Deus e da Mocidade em casa e na sociedade pelo exemplo, que é a mais potentosa arma para a conquista das almas.

Parte do seu tempo deve passá-lo entre as classes mais humildes, tornando-se o seu bálsamo vivificante e consolador como o médico que a cada enfermidade aplica o remédio adeqùado.

Deve ser o sol, a alegria do lar, onde deve ajudar a mãi a tratar do govêrno e da ordem da casa, cuidar e olhar pelos irmãos mais novos, se os tiver.

Não vou contra uma ou duas horas de estudo todos os dias, para a memória não ficar varrida completamente de Matemáticas, Físicas, História, etc.

Algumas horas para trabalhos de costura nunca mataram ninguém.

Por fim, também não deve ser proibido divertirmo-nos um pouco, para esquecermos por algum tempo as numerosas agruras dêste vale de lágrimas».

Por hoje não posso continuar com a minha carta, porque tenho exame êste ano e o monstro já me está a mostrar os dentes apenas a uns dias de distância.

Os meus cumprimentos e felicitações a tôdas as Ex.mas Colaboradoras da «Revista da M. P. F.», inclusivé Tia Anica, com quem, a-pesar-de não conhecer, já simpatiso muito.

A filiada respeitadora e dedicada

Carolina Maria Owen Pinto

Filiada N.º 1.554 - Centro N.º 6 - Ala 2
Província da Estremadura

«Uma filiada deve preencher o seu tempo de férias da seguinte fórma»:

1.º — Levantar-se a horas decentes...

2.º — Cumprir os seus deveres religiosos.

3.º — Ajudar a mãi no govêrno da casa, na cosinha, limpeza, etc.

4.º — Assistência aos pobres...

5.º — Bons conselhos às colegas, fazendo-lhes notar as vantagens dos bens que trouxe a Mocidade Portuguesa.

6.º — Passear de tarde...

7.º — Ter sempre à mão o cestinho da costura para aproveitar todos os minutos para a «Semana da Mãi».

8.º — Deitar cêdo para cêdo erguer.

Natércia Madalena Bela Almeida Couto

Aluna do 4.º Ano da Escola Industrial Machado de Castro
Centro N.º 24 — Vanguardista

Tendo achado bastante interessante a pregunta que V. Ex.as fizeram no nosso jornal, venho alegremente responder o melhor que posso, pois são ainda bem fracos os meus recursos de escritora...

Férias de Natal! *Os nossos espíritos alegres e joviais vêem-nas aproximar com contentamento. São quinze dias de descanço! Mas qual de nós será capaz de ir para casa só para brincar? Ninguém, tenho a certeza! Esta Mocidade que olha para o futuro sempre sorrindo, também sabe pensar, também sabe viver a vida! Que faremos então? Principalmente algumas roupitas para os pobrezinhos, que agradecerão contentes àqueles corações que com tão pouco suavisam a sua desdita. Depois, trabalharemos, estudaremos. Tôdas as raparigas guardam alguns momentos para os trabalhos de casa. As ricas também se devem sentir contentes em ajudar nos trabalhos caseiros. Assim, estas crianças de hoje, serão as donas de casa de amanhã. Não digo com isto: Não brinquemos! Pelo contrário: A' nossa volta deve reinar a alegria, a felicidade. Mas... há tempo para tudo.*

Férias da Páscoa! *Como as passaremos? Mais ou menos da mesma maneira.*

Férias grandes! *Acabaram as aulas! E a Mocidade radiosa, em flor, canta contente ao vê-las aproximar...*

Umas vão para a praia, onde poderão praticar os desportos próprios, tomar banho, brincar, enfim... passar umas férias encantadoras.

Outras irão para o campo, onde brincarão também e admirarão um pouco as belas paisagens que as suas vistas abrangerem.

E as da cidade? Ontem um passeio, hoje um divertimento, etc. E deveremos passar só assim as férias? Não. Não é êsse o meu pensamento. Devemos também trabalhar, cumprir todos os nossos deveres. Primeiramente o dever de católica. Mesmo que vamos para fora decerto teremos uma capelinha ou igreja... não deixando assim de cumprir êsses deveres.

Maria Augusta da Nóbrega Pinto Pizarro

Filiada N.º 165 - Centro n.º 1

Uma filiada da M. P. deve aproveitar as suas férias o melhor possível.

Não deve preocupar-se apenas com a execução das toilettes *que lhe hão-de servir para a praia ou qualquer passeio.*

Tem o dever de estudar um pouco a-fim-de, no ano seguinte, obter um êxito igual ao dos anteriores.

Mas não se deve limitar a isto o ideal da rapariga portuguesa. Deve pensar também nos pobres e confeccionar enxovais e agasalhos que serão distribuidos no Natal próximo e resguardarão do frio e encherão de consolação e alegria aqueles que a fortuna desamparou. O desempenho desta obra é muito mais proveitoso e benéfico do que passar os dias em frente dum espêlho pondo rouge *e* bâton, *transformando desta maneira a cara numa pura fantasia! A rapariga portuguesa deve ir ainda mais longe.*

Tem obrigação de, no seio da família, contribuir tanto quanto possível para que se amem e estimem todos os membros desta.

Desta maneira, e incutindo no espírito dos que a rodeiam o amor por Deus e pela Pátria, contribuirá para a felicidade do lar e para o engrandecimento de Portugal.

Eis, a meu ver, a melhor maneira de passar umas férias alegres e sossegadas.

Maria João Viegas Pires

Filiada N.º 10.856 - Centro N.º 1 - Ala de Faro
Província do Algarve

(Fim)

"STELLA"

A Revista Católica de Cultura Feminina, "Stella", que se publica em Fátima e há 3 anos vem mantendo com galhardia um lugar de honra entre as publicações portuguesas, referiu-se, no seu número de Julho, ao Boletim da M. P. F. com palavras gentilíssimas que aqui lhe queremos sinceramente agradecer.

"Stella", que como nós trabalha a bem da nossa terra, difundindo boas ideais que educam e elevam, compreendeu o ideal do nosso Boletim e na doce fraternidade que une os que trabalham no mesmo campo, semeando da mesma semente e esperando colher os mesmos frutos, estende-nos as mãos num efusivo gesto de boas-vindas.

Os nossos agradecimentos, com a expressão da simpatia que há muito nos merece.

SOLUÇÃO DAS CHARADAS:
FADA = BUONAPARTE = LISBOA